

NOTA EDITORIAL

A Cátedra Jorge de Sena comemorou, no ano de 2009, dez anos de fundação. Este foi também o ano em que o seu patrono – o poeta, ficcionista, ensaísta e professor Jorge de Sena – comemoraria 50 anos de sua chegada ao Brasil e 90 anos de vida, ele que nascera a 2 de novembro de 1919. O encontro dessas datas – 1919, 1959, 1999, 2009 – levou-nos a pensar reunir no Rio de Janeiro, de 20 a 22 de outubro, no espaço da UFRJ, alguns professores, pesquisadores, estudantes de literatura para um evento a que quisemos chamar – muito senianamente – de «Andanças Prodigiosas da Literatura».

Senianamente, diríamos, porque a literatura, como as artes, é coisa movente, em contínua metamorfose, e que tem nisso, possivelmente, a sua saudável vertente demoníaca. Lá estão, portanto, evocadas as *Andanças do demônio*, as antigas e as novas, como quis Jorge de Sena. Revigoradamente «demoníacas», são elas também «prodigiosas», a lembrarem outras andanças de um certo Físico que, *peregrinando e metamorfoseando-se*, deu seu *testemunho de vida*, de paixão, e de *intensa fisicalidade* erótica.

Foi assim que elegemos essas quatro vertentes – *metamorfose, erotismo, peregrinação e testemunho* –, que a crítica seniana já converteu em paradigmas, para repensar as literaturas de língua portuguesa e, por que não, a própria literatura.

É sempre tempo de evocar poetas e Jorge de Sena é uma dessas vozes privilegiadas da poesia. Da poesia, sim, e não da poesia portuguesa. Porque os grandes poetas não têm fronteira. Escrevem. Usam a linguagem numa dimensão que explode seus limites. E o que dizem ou faz eco ao que se desejaria terem dito ou espanta pelo inesperado das relações que suscitam, pelas emoções que provocam, pelas reflexões que gera. E isso não tem nacionalidade, não tem raça, não tem seita.

Os poetas também não têm tempo, e isso descobrimos quando um Shakespeare, e um Camões, e um Cervantes nos falam do amor, ou do ciúme, ou das inquietações da alma, dos desconcertos da vida e do império do poder, assombrosamente no presente.

Jorge de Sena viveu de 1919 a 1978. Nasceu em Portugal, mas viveu em terras diferentes, em culturas diferentes, sob regimes políticos diferentes: Portugal, Brasil, Estados Unidos da América, onde morreu, em Santa Bárbara, naquela acolhedora casa que é ainda hoje uma espécie de embaixada intelectual para portugueses e brasileiros.

No Brasil, para onde veio em exílio voluntário, para escapar da sombra da ditadura que se abatera sobre o seu país desde 1926, ele viveu alguns dos mais profícuos tempos de sua produção de poeta, contista e ensaísta – de 1959 a 1964.

No ano de 2009 – e só então – passados 50 anos desse seu exílio, Portugal o recebeu de volta. Recebeu as cinzas do poeta que vão repousar no Cemitério dos Prazeres. Por ironia quase, a grande homenagem que o faria ir ao Panteão ou aos Jerônimos, lugares nobres em que estaria certamente na companhia de seus pares, não aconteceu; e, não acontecendo, ele foi encaminhado a esse espaço português único em que parece que aos mortos não se negam os Prazeres. Deixemo-lo portanto lá, quem sabe é mesmo a preferir por quem deu tanto valor ao direito do homem ao prazer, à vida amante e amada, a todos os excessos que, afinal, só são excessos para quem tem medo de estar saudavelmente fora da ordem.

Num poema comovente, dos mais conhecidos e citados «Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya», Jorge de Sena se dirigia aos filhos interlocutores, em tom de alerta tragicamente contida, para lhes falar sobre aquelas a quem a vida fora tirada por questões políticas que podem ir do holocausto de milhões às torturas individuais e aos silenciamentos constrangidos. Mas esse poema, essa carta, era talvez sobretudo uma elegia à vida e ao prazer, como a lhes dizer que nada no mundo iguala o prazer da vida:

*Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém
vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.
É isto o que mais importa – essa alegria.
Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto
não é senão essa alegria que vem
de estar-se vivo*

Referindo-se àqueles a quem essa vida fora tirada – de modo real ou metafórico –, ao lhes roubarem o mais-que-justo direito à vida e ao prazer de viver – e ele estava evidentemente entre esses incluído – continuava:

*quem ressuscita esses milhões, quem restitui
não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?
Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes
aquele instante que não viveram, aquele objeto
que não fruíram, aquele gesto
de amor, que fariam «amanhã».*

Retornar a Portugal numa urna – como lhe aconteceu em setembro do ano de 2009 – certamente não lhe devolve «aquele instante que não viveu na sua terra, entre a sua gente». Estar nos Prazeres não lhe devolve certamente o tempo, a não ser por esta estranha ironia benfazeja das palavras.

Deixemo-lo, portanto, lá. Eduardo Lourenço, que o recebeu em homenagem, referiu-se àquela, apesar de tudo, justa cerimônia, de modo certamente polêmico ao afirmar que Jorge de Sena não precisava de cerimônias póstumas – mas dizia isso evidentemente para lembrar a todos que lá estavam que a grande justiça será sobretudo a de deixar que ele continue vivo. Mas disse mais: lembrou que apesar de tudo, era fundamental que aquela cerimônia acontecesse, porque ela marcava – com grande atraso – um dever de Portugal, que não era outro senão o de pôr fim ao seu exílio e de deixá-lo repousar, em casa, outra vez.

As «Andanças Prodigiosas da Literatura», título do I Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena, quiseram celebrar o seu patrono reinstalando-o vivo entre seus pares – os poetas, os criadores – fossem eles portugueses ou não. Seleção feita, a cena montada ficou constituída pelos músicos Adriano Jordão e José de Oliveira Lopes, que abriram o programa com o *Winterreise* de Muller/Schubert a que Jorge de Sena dera tão bela reinvenção poética na sua *Arte de Música*, e, evidentemente, pelos professores e pesquisadores de literatura, cujos nomes seguem abaixo para que não se esqueçam os ecos e as colaborações: Cleonice Bernardinelli, Jorge Vaz de Carvalho, Gilda Santos, Barbara Aniello, Jorge Fernandes da Silveira, Antonio Carlos Secchin, Maria Theresa Abelha Alves, Edson Rosa da Silva, Francisco Ferreira de Lima, Lélia Parreira Duarte, Angelica Madeira, Eucanaã Ferraz, Maria Elizabeth Vasconcellos, Laura Cavalcante Padilha, Luiz Costa Lima, Marcio Seligman, Helder Macedo.

Enfim, será preciso registrar que, ao longo desses 10 anos de existência, a Cátedra Jorge de Sena contou com apoios preciosos entre os quais o nome da Fundação Calouste Gulbenkian será sempre mister ressaltar. Mas a seu lado, participando ativamente nos projetos aqui desenvolvidos, outras instituições brasileiras e portuguesas colaboraram generosamente. Que fiquem pois assinalados os seus nomes: UFRJ, FAPERJ, CNPq, CAPES, Instituto Camões, e Consulado de Portugal no Rio de Janeiro, que generosamente ofereceu o seu belo Palácio de São Clemente para a abertura destas «Andanças Prodigiosas da Literatura». A partir desse esforço conjunto, dessa saudável parceria, efetivaram-se, ao menos, alguns dos nossos sonhos, aquele «pouco que contenta quem deseja tudo», como referiu um dia, emocionado, Jorge de Sena sobre o fumo pousado na cadeira de Van Gogh.

Teresa Cristina Cerdeira

